



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**LÍCIA SOBROSA MACHADO (3)**

**2015**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA



**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-572

**Entrevistada:** Lícia Sobrosa Machado

**Nascimento:** 30/08/1987

**Local da entrevista:** ESEF- UFRGS

**Entrevistadora:** Claudia Yaneth Martínez Mina

**Data da entrevista:** 30/06/2015

**Transcrição:** Thayná Lima Fagundes

**Copidesque:** Claudia Yaneth Martínez Mina

**Pesquisa:** Claudia Yaneth Martínez Mina e Silvana Vilodre Goellner

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 1 hora 4 minutos e 35 segundos.

**Páginas Digitadas:** 26 páginas

### **Observações:**

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Claudia Yaneth Martínez Mina intitulada *Os significados dos futebóis na trajetória de vida de atletas da equipe de futsal da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.*

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Iniciação no esporte; Incentivo familiar; Dificuldades na carreira; Futebol na escola; Competições escolares; Escolinha de Futebol do Sport Clube Internacional; Futebol profissional; Futebol nos Estados Unidos; Futsal na Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Experiências como jogadora de futebol e futsal.

Porto Alegre, 30 de junho de 2015. Entrevista com Lícia Sobrosa Machado cargo da pesquisadora Claudia Yaneth Martínez Mina para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Bom dia, Lícia, obrigada por aceitar falar sobre a tua trajetória dentro da prática de futebol e futsal. Eu quero começar perguntando: como você começou a jogar futebol ou futsal? Quais são as lembranças sobre a primeira vez que você bateu uma bola?

L.M. – Na verdade eu comecei a prática, como eu já tinha falado antes, na brincadeira com meu irmão, o pessoal que jogava na minha rua. E assim as pessoas foram percebendo que eu já tinha uma certa facilidade em fazer embaixadinhas e tocar na bola desde cedo, desde criança quando eu tinha, sei lá, cinco anos de idade. Mas os anos foram passando, e quando eu tinha aproximadamente, acho que oito, nove anos, minha mãe acabou me colocando numa escolinha, na mesma escolinha que meu irmão praticava, era futebol de campo, isso foi lá por 1996, 1997. E eu comecei a praticar junto com meninos, porque na equipe não tinha mulheres, e a gente tinha dificuldade na época de encontrar times femininos. Eu acho que eu fiquei aproximadamente uns três meses nessa escolinha, até que a minha mãe que sempre foi a pessoa, que acho, que mais me incentivou desde o início, encontrou a escolinha do Internacional<sup>1</sup>, que teria aberto também há pouco tempo, mas ela ainda não sabia quando eu comecei a praticar lá que era no Petrópolis Tênis Clube, que era muito próximo da minha casa, também era fácil de chegar, eram três, quatro quadras da minha casa que próximo da ESEF<sup>2</sup> inclusive. Bom, depois, passaram esses três meses, eu cheguei a jogar até jogo de campeonato junto com os meninos e foi bem curioso até, mas foi muito gratificante. E depois acabei entrando na escolinha do Internacional onde eu permaneci lá durante muito tempo, e eu só saí depois quando o Inter fechou as portas, acho que foi no ano de 2003, essa foi a minha iniciação. Daí eu comecei a praticar com meninas, lá só era uma escolinha de futebol feminino, na verdade a gente praticava futebol na grama sintética, era futebol sete quando tudo começou. Aí acho que deu uns seis meses, um ano, mais ou menos, eles montaram um campo mesmo, no mesmo local que era no Parque

---

<sup>1</sup> Sport Club Internacional.

<sup>2</sup> Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Gigante<sup>3</sup> lá do Internacional que ainda existe, e a gente começou a jogar o futebol de campo mesmo lá no Internacional, no Parque Gigante.

C.M. – Então você começou quando tinha, mais ou menos cinco anos, jogava na rua, com quanta frequência você jogava nessa época?

L.M. – Olha, eu não sei exatamente, mas tinha uma época que foi antes de eu entrar na escolinha, quando eu já tinha uns oito anos, nove anos, eu jogava praticamente todos os dias; só as vezes no final de semana que acabava, mas dia de semana sempre chegava do colégio e jogava com os meus amigos. Eu tinha um pátio muito grande em casa também, meus pais tinham, então a gente jogava no pátio, tinha grama no pátio, então a gente jogava por ali também. Depois quando eu fui crescendo um pouco mais, a gente começou a jogar na rua e acho que isso era muito comum na época, hoje em dia tu não vê, é muito mais difícil até por questões de segurança, eu acho. E naquela época permitia bastante, então eu praticava, praticamente, eu acho que todos os dias, mas assim, quando eu tinha uns cinco anos eu mais, eventualmente brincava de futebol com o meu irmão, com meus primos que também me incentivaram bastante no início e depois também; gostava de ficar fazendo embaixadinha no quintal da minha casa, essas coisas. E desde o início, desde a primeira vez que eu peguei na bola eu já fiz umas dez embaixadinhas, e todo mundo já achou estranho que eu tinha já alguma certa facilidade, porque com aquela idade era mais difícil, e foi assim que eu comecei, praticava bastante, não sei precisar ao certo conforme o passar dos anos, mas praticamente todos os dias.

C.M. – E você jogava com primos, amigos, tinham meninas que também jogavam nessa época?

L.M. – Não, só meninos, jogava com os meus vizinhos também, só meninos. Depois até surgiu uma amiga minha que tentava jogar, mas ela não tinha tanta habilidade com a bola, mas ela tentava se enturmar porque ela era também amiga de todos os nossos

---

<sup>3</sup> Campo e Estádio de Futebol do Sport Clube Internacional.

vizinhos, e só eram homens na nossa rua e só nós duas de mulheres, mas acabou não dando muito certo, realmente deixavam ela para escanteio [risos], ela não participava muito, então, eram só homens.

C.M. – Você falou agora que sua mãe incentivava muito para que você jogasse, de que jeito ela incentivava?

L.M. – Minha mãe incentivava porque ela sempre achou interessante a gente praticar esportes, ela sempre achou que era uma válvula de escape para muitas coisas e que ia nos ajudar muito na vida se a gente praticasse esporte. Por questões de saúde, começar desde cedo também e ter toda aquela socialização, então eles sempre incentivaram. Minha mãe, acho que foi a principal incentivadora; Meu pai, claro, acompanhou junto, também me levava até a escolinha e tudo mais, mas ela é que sempre procurou escolinha para mim, desde o início, locais para jogar, e assim como para o meu irmão, então, tanto eu como ele, a gente praticava futebol desde cedo, desde muito cedo.

C.M. – Tinha alguém da família que não gostava que você jogasse?

L.M. – Não, naquela época não. Todo mundo achava muito curioso, mas como todo mundo sabia que eu tinha uma certa facilidade desde o início todo mundo incentivava, quem sabe poderia dar certo. Mas era uma coisa, naquela época, muito rara, era muito difícil tu ver uma mulher jogando futebol, a gente sofria bastante preconceito e tudo mais. Eu sofri bastante com isso durante a minha infância, e conforme os anos foram passando também, mas dentro da minha família não, dentro da minha família sempre me incentivaram, sempre quando tinha futebol, quando eles iam jogar na praça ou em algum lugar, eles sempre me chamavam, a gente jogava junto, a gente tinha o time da família, então, acho que quanto a isso não tenho o que reclamar [riso].

C.M. – E esse preconceito que você falou, pode contar uma experiência relacionada que você lembre?

L.M. – Eu vou tentar lembrar de alguma específica. Já cheguei para jogar, inclusive com meninos, e já não deixaram eu jogar, isso quando eu era pequena também: “Não não, ela não vai jogar.” Ou: “Não, ela não sabe, bom, deixa ela ser café com leite” como chamam quando a pessoa não sabe jogar e fica lá só fazendo número. Aí deixavam um jogador a mais no nosso time que era eu, quando viam que eu jogava bem, eles queriam retomar isso, mas aí eu já... Também eu tinha um vizinho que a mãe dele tinha bastante preconceito, ele dizia que achava um absurdo uma menina jogar com eles ali na rua que eu jogava, que não era lugar de uma menina estar ali participando junto com eles, que tinha que estar brincando de boneca e tudo mais. Então, acho que aí também eu senti bastante, e eu tinha um certo receio, então, sempre que eu enxergava ela me batia uma coisa ruim de ver ela tendo tanto preconceito sem motivo algum. Acho que o preconceito já surge sem motivos, às vezes a gente tem, de acordo com a nossa cultura e da maneira que a gente cresce, a gente acaba criando pré-conceitos, que daí vem a palavra também, e acaba julgando sem necessidade e criando, como é que eu vou dizer a palavra... [riso] Me falhou a palavra, mas criando conceitos desnecessários, enfim.

C.M. – Você estudou numa escola pública ou particular?

L.M. – Eu sempre estudei em escola particular.

C.M. – Dentro da escola você também jogava futebol?

L.M. – Jogava futebol, e jogava, não sei se tem mais uma pergunta...

C.M. – Não, só se jogava e como foi essa experiência?

L.M. – Eu jogava desde cedo, e também como os meninos viam que eu tinha facilidade eles me chamavam para jogar com eles. Na escola foi um lugar que eu não sofri preconceito, acho que eu sofri mais na rua mesmo do que dentro da escola. As pessoas sempre respeitaram muito e na Educação Física era engraçado porque enquanto as

meninas jogavam vôlei, normalmente, ou handebol em outra quadra, eu acabava jogando com os meninos futsal na quadra ao lado, porque eles sempre me chamavam; era difícil eles não me chamarem, eventualmente eu jogava com elas também até porque eu gostava de praticar outros esportes, e até para eu não ficar sempre na mesma. Então, na Educação Física acontecia bastante isso, no colégio. E depois quando eu fui fazer o segundo grau, a Educação Física era separada, era meninos faziam num horário e as meninas faziam no outro horário, então eu [riso], já não tinha como jogar junto com eles e, às vezes, as meninas nem praticavam Educação Física, ficavam lá numa roda tomando chimarrão, e eu era a única que ficava fazendo embaixadinha com a bola, e era assim que funcionava [riso].

C.M. – Quando você falou agora que separavam meninas e meninos, por que separavam?

L.M. – Porque era da escola, eu estudava no colégio Rosário<sup>4</sup>, que é um colégio muito conhecido e não sei se é assim até hoje, mas aquela época era 2000, 2002 por aí, 2003, é, 2002, 2003, 2004 que era quando eu fiz lá, nessa época ainda era separado, não sei se hoje é, não sei porque eles separavam, era um conceito da escola separar. Eles tinham... Inclusive se jogava em andares diferentes, porque lá são andares de ginásio e tudo mais, e as meninas não podiam jogar no mesmo andar que os meninos, eu não sei se era muito pela questão da paquera, essas coisas que eles gostavam de separar até ao andares, porque às vezes, as pessoas com roupas mais de ginástica, alguma coisa, não sei qual era o objetivo da escola, mas isso acontecia naquela época e realmente eu não gostava, acho que a maioria não gostava. Algumas meninas talvez porque elas não gostavam realmente de fazer com os meninos, e também alguns meninos não gostavam de fazer com as meninas, mas da minha parte nunca gostei, até para mim foi ruim, porque foi uma época que eu praticamente, na escola, eu acabava não jogando muito.

C.M. – Quando fizeram essa separação quais eram os esportes que faziam as meninas?

---

<sup>4</sup> Colégio Marista Rosário.

L.M. – Olha, normalmente as meninas preferiam vôlei, era vôlei e handebol, basquete, mas mais eventualmente, até, de vez em quando também, saía o futebol, mas também não era muito pedido, e acho que os mais era o vôlei e o handebol, elas gostavam muito.

C.M. – E quando era futebol, como surgia o jogo?

L.M. – Como acontecia o jogo?

C.M. – Sim.

L.M. – Normalmente as meninas, na minha turma, nenhuma tinha facilidade com a bola, todas não... Aí normalmente um time acabava ficando comigo e o time que não ficava comigo ficava só se defendendo e assim é que acontecia o jogo. Eu tentava fazer com que elas participassem muito, passava bastante a bola para elas, eu não tentava fazer, acho que, monopolizar o jogo, mas tinha uma diferença técnica muito grande entre a gente, era bem curioso, talvez por isso também que elas não gostassem muito, mas eu sempre tentei ajudar e tentar até ensinar elas a fazer, como passar, como chutar, tentei também de algumas formas; mas como mulher normalmente tem a tendência e também, acho que por uma questão de cultura, acaba tendo mais facilidade em praticar esportes como o vôlei, o “handebol” que eu via bastante lá, elas preferiam sempre um desses.

C.M. – Dentro da escola incentivavam a prática de futsal nas meninas?

L.M. – Sim, inclusive no colégio esse que eu estudei, o Rosário, no segundo grau, eles tinham um time de futsal no qual eu joguei alguns campeonatos estudantis como a Copa Paquetá<sup>5</sup>, eles tinham o Campeonato Marista, que era entre os colégios Maristas.

---

<sup>5</sup> Estudantil Paquetá Esportes-Adidas é um campeonato interescolar que reúne alunos/as de várias instituições de diferentes cidades do estado Rio Grande do Sul que competem em diversas modalidades coletivas.

E nos outros colégios que eu estudei acho que tinha um pouco menos de incentivo, mas ainda tinha um time do colégio, alguns não tinham time feminino, outros tinham, mas esse foi o que eu mais participei, talvez, também porque eu já tinha uma certa idade para participar de alguns campeonatos. Não que isso fosse fazer muita diferença, mas eu lembro que quem jogava a Copa Paquetá normalmente estava no segundo grau, não sei se era uma regra da Copa Paquetá ou não, mas eu não lembro de ter participado antes.

C.M. – Você quantos anos tinha no segundo grau?

L.M. – Eu estava com, acho que é quatorze, quinze, dezesseis, acho que é mais ou menos isso.

C.M. – O colégio ou a escola tinha um time, vocês treinavam a parte, como era?

L.M. – Sim sim, inclusive a gente treinava era uma vez na semana duas horas. As meninas eram muito boas do time lá do colégio, a gente tinha um nível muito bom, tanto é que a gente saiu campeãs de vários campeonatos na época, esses campeonatos estudantis. Então eu participei de duas Copas Paquetás, um ano a gente foi campeão, no outro a gente foi vice-campeão, e depois a gente ganhou, acho que todos os campeonatos Maristas e campeonatos internos do colégio também, a gente ganhou tudo, qual era a pergunta?

C.M. – Como era a dinâmica do time, os treinos?

L.M. – Ah tá! O treinador que a gente tinha era muito bom, não era um treinador, claro, profissional, mas ele estava ali com muita boa vontade tentando. Ele era professor de Educação Física e também ele pegava a equipe, acho que ele estava tanto na equipe masculina quanto na feminina, e ele tinha noção de futsal e tudo mais, mas não era nenhum profissional de futsal, mas os treinos sempre eram muito produtivos. Então a gente tinha uma parte de treino mais específico, mais técnico, depois sempre fazia um

coletivo, era bem interessante. E as meninas que praticavam, que jogavam na seleção do colégio, elas não precisavam fazer Educação Física, elas eram liberadas da Educação Física, então eu por muito tempo fui liberada, eu continuava indo nas aulas, mas eu não era obrigada a fazer, já tinha nota máxima só por participar da seleção, se a gente tivesse todos os dias presentes nos dias de treino a gente ganhava nota máxima em Educação Física.

C.M. – Quais foram as experiências mais significativas de você nesses campeonatos na escola?

L.M. – Na escola? Eu acho que foram as Copas Paquetás, que sempre foram campeonatos bem fortes para nível estudantil, então foi algo que me marcou bastante. No ano que a gente se consagrou vice-campeã eu ganhei também um troféu de destaque, eu acabei saindo no jornal O Sul, era uma Copa que ela tinha inclusive atenção um pouco de telejornais, eu lembro que teve um pessoal da Rádio Gaúcha também que participou da apresentação do campeonato, da entrega de prêmios, até foi um cara da Rádio Gaúcha que me entregou o prêmio de destaque, então era um campeonato que era bem visado e muito bem organizado por ser um campeonato estudantil, acho que foi o campeonato que mais me marcou. A Copa Paquetá, não sei como ela é hoje, mas ela era muito bem organizada e os times eram muito bons também.

C.M. – Você continuou fazendo o ensino médio nessa mesma instituição?

L.M. – Na verdade o ensino médio eu fiz no colégio Rosário e antes eu era de outro colégio.

C.M. – Antes?

L.M. – É, eu já fui de vários na verdade [riso].

C.M. – E você, até que época continuou jogando futsal no colégio?

L.M. – Joguei até me formar [riso], joguei desde o início até me formar.

C.M. – Você lembra talvez alguma experiência dentro da prática de futsal dentro do colégio, uma experiência que você não esquece por algum motivo?

L.M. – Eu lembro da prática quando a gente tinha os recreios, quando a gente tinha aquele intervalo de aula no colégio que eu estudava antes, no primeiro grau, eles liberavam bola; tinha campo aberto que era na verdade de piso, não era grama nem nada, era piso frio, frio não, mas de cimento, e eles liberavam a bola e os meninos jogavam, e os meninos sempre me chamavam, inclusive de turmas diferentes da minha. Normalmente os recreios eram organizados por séries de sétima a oitava série tinham o recreio junto, a quinta e a sexta tinham recreio junto, e os meninos de outras séries, de outras turmas também me conheciam me chamavam para jogar, acho que foi uma coisa que me marcou bem positivo, não sofri nenhum tipo de preconceito nessa época de colégio, não lembro disso.

C.M. – Mas você era a única pessoa que eles chamavam para jogar?

L.M. – Era, mas não, as meninas participavam às vezes também, eles deixavam, tinha um certo... Eles eram muito abertos em relação a isso, claro que normalmente eles acabavam me chamando e as outras meninas... Tinham meninas que se interessavam também, queriam jogar, então elas acabavam entrando no jogo também, e durante o recreio umas saíam outras entravam e uns meninos também saíam e entravam e assim ia em torno de vinte minutos que a gente tinha para a prática.

C.M. – Nesse momento o que significava para você jogar futebol ou futsal?

L.M. – Nesse momento estudantil?

C.M. – Sim.

L.M. – Olha, para mim era algo... Para mim sempre, naquela época, era diversão, aquilo era... Me tirava um pouco também o foco de estar estudando uma coisa um pouco mais cansativa de estar ali, e aquilo sempre foi uma válvula de escape, uma diversão, acho que essa é a principal palavra que define, nunca levei muito a sério, principalmente naquela época. E acho que também em outras épocas sempre levei mais na esportiva mesmo, digamos assim, nunca fui uma pessoa tão competitiva e principalmente nessa época eu era menos ainda, eu gostava era de participar, de ajudar, de ensinar, às vezes, algumas meninas também, para mim era isso.

C.M. – Você falou que pertenceu ao masculino, qual escolinha era, escolinha de futebol ou de futsal?

L.M. – Quando eu entrei na escolinha de meninas ou...?

C.M. – Quando entrou.

L.M. – Era do Internacional.

C.M. – De futebol?

L.M. – De futebol. Depois eu ainda joguei futsal pelo Internacional, mas foi só depois, eles não tinham escolinha e futsal só escolinha de futebol de campo.

C.M. – Você por que ingressou nessa escolinha?

L.M. – Bom, eu comecei muito pelo incentivo da minha mãe, como eu tinha falado antes e porque como eu também falei antes, eu sempre levei na brincadeira, eu nunca tive um sonho de ser uma jogadora de... Pelo menos nessa época, depois as coisas

foram se formando, mas nessa época eu jogava porque eu gostava, então, para mim aquilo era uma diversão. Eu acabei entrando na escolinha para me divertir, para fazer a prática mesmo e também por uma indicação de saúde porque eu tinha asma, eu usava bombinha inclusive, e o médico indicou que eu praticasse alguma atividade física para ver se ajudava, então também foi uma indicação médica além dessa parte de querer me divertir e tudo mais.

C.M. – E nessa escolinha quantas meninas tinham mais ou menos?

L.M. – Olha, no início eram poucas, mas foi crescendo muito rápido até, eu acho que no início deviam ter umas trinta meninas por aí, quando eu iniciei, talvez nem isso. E da minha idade, no meu horário só tinha eu, na minha idade, depois o resto era tudo, pelo menos, cinco anos mais velhas do que eu, mas tinham algumas meninas que faziam outros horários também, tinham uma idade parecida comigo...

C.M. – Quantos anos?

L.M. – Eu tinha nove anos quando entrei na escolinha do Inter, inclusive a Rafa<sup>6</sup> jogava comigo quando ela tinha também a mesma idade, a gente tinha a mesma idade, que hoje é a treinadora da UFRGS<sup>7</sup>. Mas acho que tinha em torno mais ou menos isso, umas trinta pessoas, depois foi evoluindo muito rápido, eu acho que chegou a, pelo menos, umas duzentas alunas, eu acho, nessa escolinha que era escolinha da Duda<sup>8</sup> do Esporte Clube Internacional, da Eduarda Luizelli, tu deve conhecer [risos].

C.M. – Quem treinava você, eram treinadores ou treinadoras?

L.M. – Eram os dois, eu tive treinadores, eu tive treinadoras durante, acho que toda a minha passagem pela escolinha do Inter, variou bastante. Num primeiro momento

---

<sup>6</sup> Rafaela Cavalheiro do Espirito Santo.

<sup>7</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>8</sup> Eduarda Marranghelo Luizelli.

treinadores, às vezes a Duda também participava e dava aula, mas era mais eventualmente.

C.M. – E como eram os treinos?

L.M. – Olha, estou tentando lembrar porque já faz tanto tempo. Os treinos eram... Normalmente tinha aquela parte de meia hora que era uma hora de treino, então meia hora era uma parte mais de treinar passe, normalmente eles escolhiam algum fundamento, naquele mês seria só trabalho de passe, então todas as atividades eram de trabalhos de passe, no mês seguinte era só de chute, só de domínio e assim eles iam por fundamentos, e a outra meia hora era de jogo, era sempre assim; sendo que, eu lembro que sempre a última aula do mês era só jogo, era a aula que a gente mais gostava porque era uma hora só de jogo [risos], era assim mais ou menos que era organizado.

C.M. – Nessa escola também tinha meninos?

L.M. – Não, na escolinha do Inter não, só para meninas mesmo.

C.M. –O que significou para você ser parte dessa escolinha?

L.M. – Olha, para mim significou um baita aprendizado, foi a minha iniciação no futebol, e eu acho que dei muita sorte porque a gente estava super bem amparada ali com profissionais muito competentes e, na verdade, foi dessa escolinha que surgiram as portas para depois eu ingressar no futebol profissional mesmo, quando eu tinha... Foram cinco anos depois, eu entrei na escolinha com nove anos, quando eu tinha quatorze anos eu já fazia parte do elenco profissional do Internacional; então foi o que me alavancou, me abriu portas para eu participar da equipe profissional e das meninas da minha idade, eu fui uma das únicas que tive, acho que a sorte de ter participado da equipe profissional porque logo depois ela fechou, quando eu tinha dezesseis anos ela já fechou, então muitas das meninas que estavam atrás de mim ou que eram da mesma geração que ainda não tinham tido oportunidade de ingressar no time profissional não

puderam vivenciar isso, uma coisa que hoje não existe no Rio Grande do Sul, não existe um time profissional com incentivo, com a tradição que tinha aquela época.

C.M. – Bom, e como foi essa experiência? Como funcionava o time profissional? Pagavam para você? Seus treinos como eram?

L.M. – Como eu iniciei muito cedo eu não podia nem ter carteira assinada nem nada, mas tinham as meninas que tinham, aí tinha que ser a cima de dezesseis anos e eu comecei com quatorze anos. Eu era a menina mais nova da equipe profissional e eu acho que a segunda mais nova, na época que eu entrei, depois até surgiu uma outra menina, que foi a Suellen<sup>9</sup>, que também chegou cedo na equipe profissional. Mas a menina mais velha depois de mim, quando eu tinha quatorze anos tinha dezesseis, dezessete anos, então eu era a única que não estava naquele período em que já pode trabalhar e se assinar a carteira, então eu não era remunerada de nada, eu só estava ali treinando, inclusive, eu não podia participar dos campeonatos profissionais, os campeonatos oficiais porque eu não tinha idade, então eu treinava e participava dos campeonatos, treinava em outros também além de treinar no profissional, às vezes, no final de semana quando eu tinha treino das seleções sub-17, sub-15 e sub-21 eu também participava. Eram esses campeonatos que eu acabava participando, dessas três seleções, e só treinava pela equipe profissional, não podia jogar, era assim que funcionava, e para mim foi uma vivência incrível. Algumas pessoas daquela época, e até hoje, falaram que pularam etapas comigo, que aquilo não foi certo, e talvez por isso que eu acabei, talvez, não continuando no esporte profissional depois, mas eu acredito que não, eu tive outros motivos para não continuar e para mim foi uma experiência muito válida, se eu pudesse repetir tudo de novo teria feito as mesmas coisas, teria aceitado assim como eu aceito quando eu tinha quatorze anos. Claro que muitas coisas que eu vivi ali dentro, eu estava dentro de um time profissional, que tinham meninas muito mais velhas que eu, meninas de vinte e poucos, trinta e poucos anos, então eu acho que eu amadureci muito ali dentro, também sofri muito por já estar tendo que passar por experiências mais difíceis, por mais que eu não estava dentro das

---

<sup>9</sup> Suellen Dos Santos Ramos.

competições, mas eu vivenciava aquilo ali, vivenciava o grupo no dia após a derrota, no dia após a vitória e acho que foi um crescimento e tanto.

C.M. – A escola do Inter por que fechou?

L.M. – Olha, fechou, na verdade a escolinha do Inter fechou junto com a equipe profissional, foram por problemas burocráticos mesmo da Duda, da Eduarda Luizelli com o Internacional, que era representante e a coordenadora do futebol feminino, então, foram problemas de desentendimentos em questões burocráticas, eu não sei exatamente o que aconteceu, mas foi isso. E uma das coisas também que eu lembro daquela época, que falaram que o futebol feminino estava sofrendo, passando por alguma decadência no Rio Grande do Sul, isso em 2002, 2003, e eles falaram que quem ganhasse o Campeonato Gaúcho<sup>10</sup> daquele ano continuaria com a equipe profissional, e Internacional e Grêmio<sup>11</sup> que existiam na época, e quem perdesse fecharia as portas porque o clube não queria manter, a direção do clube não ia querer manter um time que tivesse perdido, e foi justamente isso que aconteceu, falaram e aconteceu,. Então o Inter se consagrou campeão esse ano, no ano de 2002, e o Grêmio fechou as portas, o Inter sobreviveu mais um ano; mas é o que dizem, normalmente um time não sobrevive sem o principal rival, e realmente não sobreviveu e teve mais questões burocráticas, durou mais um ano e fechou.

C.M. – Você pode lembrar em quais times de futsal jogou além da UFRGS até agora, como foi essa trajetória?

L.M. – Times de futsal que eu joguei? Bom, então quando eu ingressei no time profissional do Inter no mesmo ano eles estavam abrindo um time de futsal do Inter também, que a gente treinava ali no Gigantinho<sup>12</sup>, eles me convidaram, então eu fazia tanto parte da equipe juvenil como da adulta. Então, além de eu jogar futebol de campo, eu treinava na equipe juvenil e na equipe adulta, na verdade essa foi a primeira vez que

---

<sup>10</sup> Campeonato da Primeira Divisão de Futebol Profissional da Federação Gaúcha de Futebol.

<sup>11</sup> O Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense.

<sup>12</sup> Ginásio do Sport Clube Internacional.

eu tive contato com o futsal fora do colégio. Então foi pelo Internacional, depois eu acabei atuando pelo time da Vernisul<sup>13</sup>, que eu acho que também não existe mais, que na verdade é uma fábrica de tintas, eu acho que ainda existe no Rio Grande do Sul e que incentivava o futsal feminino; então eles tinham um time, joguei, inclusive fui federada, joguei Campeonato Estadual<sup>14</sup> pela equipe da Vernisul, depois atuei no São José de Porto Alegre também, e na parte Universitária foi pelo time do IPA<sup>15</sup>, que eu fiz faculdade lá de fisioterapia também, e depois eu ingressei na UFRGS em 2007 e eu fiquei, mas além da UFRGS, nesse período, eu acabei atuando para outros times ainda como Lindóia Tênis Clube, como a ASTTI<sup>16</sup> e se eu estiver esquecendo algum [riso], pode acontecer, mas acho que foi isso.

C.M. – Você jogou futsal a nível profissional aqui em Porto Alegre, Rio Grande, como foi essa experiência?

L.M. – Na verdade foi uma experiência um tanto curta porque quando eu comecei futsal eu tinha que ter a cima de dezesseis anos para participar do profissional, e logo depois eu ingressei na faculdade e comecei a ter dificuldades por causa disso, porque eu fazia já, na época, duas faculdades e ainda tinha que jogar, então foi uma experiência um tanto curta, mas foi uma gratificante. Era um campeonato que, na época, ele era, eu acredito que mais forte do que ele é hoje, era um campeonato muito forte, inclusive, a equipe mais forte da época era o Chimarrão<sup>17</sup>, que era várias vezes campeãs brasileiras, elas eram o melhor time do Brasil e atrás do Chimarrão vinham times muito bons; então era um campeonato de altíssimo nível, foi muito bom ter participado. Eu acho o campeonato hoje é muito forte também, mas, naquela época, eu acho que ainda se destacava mais porque o Rio Grande do Sul se destacava mais nessa parte do futsal e acho que hoje já teve uma queda muito grande.

---

<sup>13</sup> Associação Esportiva Vernisul.

<sup>14</sup> Campeonato Estadual de Futsal no Rio Grande do Sul.

<sup>15</sup> Instituto Porto Alegre.

<sup>16</sup> Associação dos Profissionais em Telecomunicações e Tecnologia da Informação.

<sup>17</sup> Sociedade Esportiva Recreativa e Cultural Chimarrão.

C.M. – Elas e você recebiam salário, o que davam para vocês por jogar?

L.M. – Sim, do futebol ou do futsal?

C.M. – Do futsal.

L.M. – É porque no futsal, quando eu participei no profissional eu já não estava mais no Inter, então eu comecei atuando pela Vernisul, e eles pagaram sim, era um valor não muito significativo, mas era um valor interessante, eles pagavam para as gurias jogarem e eu também recebia alguma coisa, mas nada muito expressivo também, e acho que foi no futsal, a única equipe que eu recebi alguma coisa.

C.M. – No futebol você recebeu?

L.M. – No futsal, claro, a gente ganhava alguns incentivos, auxílio gasolina, auxílio isso, auxílio aquilo, era o que a gente ganhava mesmo. Mas nada de aumento de salário e nessa equipe eles davam algum retorno financeiro, mas também não era muito coisa.

C.M. – No futebol você chegou a ganhar salário alguma vez?

L.M. – Também não porque, quer dizer... Só quando eu joguei nos Estados Unidos, mas no Brasil não, porque justamente por isso, porque quando eu completei dezesseis anos, o Internacional fechou e eu acabei não fechando esse contrato com eles, foi bem nessa época. Eu cheguei a jogar dois campeonatos pelo Internacional, no qual a gente saiu campeã também, mas como já se sabia que o Inter ia fechar não se teve essa conversa, foram alguns meses só que eu atuei no profissional, então já se sabia que o Inter ia fechar então não teve essa conversa em relação a salário. Depois, eu fiquei um tempo atuando só na escolinha da Duda porque fechou e ela montou uma outra escolinha, eu fiquei atuando ali, como cá não pagavam salário porque não tinha o time profissional mesmo. A gente chegou a jogar campeonatos profissionais, mas não era que nem tinha antes porque, claro, o Inter antes que acabava bancando e ali não existia.

E logo depois fui para os Estados Unidos, aí sim eu recebi para jogar, só que acabei não ficando muito tempo lá porque eu me lesionei. Quando retornei ainda joguei Campeonato Brasileiro, pelo Juventude<sup>18</sup>, mas também foi só um campeonato, eu não fechei contrato com eles porque eu já estava muito envolvida com a faculdade; e daí eu acho que a minha vida foi tomando outro rumo, fui chamada para jogar em alguns times, como São Paulo, fui chamada para jogar no México na época, nos Estados Unidos também, algumas universidades me procuraram, me ofereceram para fazer teste, para ganhar salário, mas eu optei por ficar aqui não só por questões da faculdade, porque eu queria investir nisso, mas porque também a minha mãe não estava bem de saúde, ela tinha sofrido dois AVC, então eu optei por ficar na minha cidade, no meu país e eu acho que isso foi o principal fator para eu não ter continuado. Depois, claro, vieram outros sonhos, sonho de me tornar uma profissional, de terminar minha faculdade e sabendo que no Brasil aquilo não ia dar muito retorno e talvez até no exterior também não desse tanto retorno, eu sabia que eu tinha que ter uma profissão, então eu não investi no futebol e não continuei por causa disso. Depois também veio lesão, vieram essas dificuldades e acabei saindo aos poucos, mas salário mesmo só recebi foi por pouco tempo nos Estados Unidos, no Brasil nunca.

C.M. – Por que você foi jogar nos Estados Unidos?

L.M. – Foi uma indicação da Duda, foi logo depois que fechou esse time do Internacional e eu comecei ali, fiquei jogando lá no time na escolinha dela que ainda existia e deu, acho que um mês, um mês mais ou menos, ela veio conversar comigo e falou que pediram uma jogadora para ela, que ela conhecesse para indicar para jogar lá nos Estados Unidos. E ela falou que teria me escolhido e perguntou se eu tinha o interesse de ir, então na verdade foi uma opção dela, foi ela que me indicou. Então eu fui para lá para fazer um teste, era uma semana de teste, caso eu não passasse eu retornaria para o Brasil, caso eu passasse eu ficaria lá e foi assim então que eu cheguei nos Estados Unidos, foi por indicação, não foi por vídeo, não foi por nada, eu cheguei lá e só fiz o teste porque tinha indicação da Duda que sempre foi uma representante tanto no Rio Grande do Sul, quanto no Brasil, quanto no exterior, então, as pessoas

---

<sup>18</sup> Esporte Clube Juventude.

conheciam muito ela, e aí surgiu esse contato desse time, do time de Michigan dos Estados Unidos com a Duda.

C.M. – De futebol?

L.M. – De futebol, futebol de campo.

C.M. – E lá como eram os treinos, como foi esse processo depois que você chegou nos Estados Unidos?

L.M. – Os treinos lá eram muito pesados, muito diferente daqui, claro, aqui também era, mas é que, por exemplo, quando eu jogava no Internacional, a gente só treinava um turno, era, acho que, três horas, dependia muito, porque também tinha dias que eu tinha treino de salão e de campo, mas durava duas horas e meia, três horas de treino um turno, claro que, muitas vezes era conversa, treino físico, não era o tempo inteiro com bola, mas girava em torno disso e, às vezes, ainda tinha treino de futsal. Mas lá eu treinava todos os dias seis horas por dia, então eram três horas de manhã, três horas à tarde e nos finais de semana a gente tinha os jogos, o ritmo de treino era muito alto e os treinos eram um tanto diferente; eu acho que o treino que talvez exista hoje, naquela época eu já praticava nos Estados Unidos, o treino que existe hoje no Brasil, de fazer outras práticas, não só de fazer o físico e treinar com bola, mas de ter outro tipo de prática, de trabalhar o corpo de uma forma geral, já tinha, acho que um trabalho de treinamento funcional, que hoje a gente vê em muitas equipes de futebol profissional, já existia naquela época também nos Estados Unidos. Então a gente tinha esse treino também, era bem diferenciado, mas era um treinamento muito pesado e talvez por isso, talvez por eu não ter ido tão preparada em relação ao ritmo de treinamento, eu me lesionei, eu na verdade já fui com um certo problema e lá se agravou, eu tive uma inflamação na canela, conhecida como Periostite, que estava me limitando até a caminhar já, no ponto que estava eu não conseguia muito menos correr, então acabei retornando para o Brasil porque, depois eu fiquei seis meses fazendo tratamento.

C.M. – O que significou para você essa experiência de jogar em outro país?

L.M. – Ah! Foi fantástica, acho que, primeiro porque eu me sentia muito bem de ter chegado lá através do esporte, através de algo que eu fiz, de algo que foi, acho que, suado, merecido, que durante muito tempo eu batalhei, que nem eu falei antes, talvez eu não tivesse tanta intenção, jogava mais por *hobby*, brincadeira e tudo mais, mas depois, claro, depois começa a ter alguns sonhos, começa a buscar e batalhar, então foi algo muito gratificante. E tu vê que o mundo é muito grande, que a gente tem, às vezes, muitos espaços e, às vezes, a gente não vai atrás dos nossos sonhos, quando a gente consegue chegar lá, realmente, é fantástico. E eu conheci um outro futebol lá também, acho que isso foi, eu conheci, acho, que o país que seja o país do futebol, em relação ao futebol feminino porque lá era impressionante, eu lembro que uma vez eu fui assistir uma menina que era na casa dela que eu ficava, dos pais dela, ela tinha nove anos na época e ela participava da escolinha no time que eu jogava profissional, e tinham dez campos no local onde tinha o campeonato deles, nove eram jogos femininos e um apenas era o jogo masculino de escolinha, então ali eu vivenciei mesmo, acho que o futebol feminino, era algo muito forte para eles, muito forte para as mulheres e para eles em geral, então foi muito gratificante, acho que ter vivido no país do futebol feminino talvez, não sei [risos].

C.M. – Como você conheceu o time da UFRGS?

L.M. – Na verdade eu ingressei no esporte universitário através do IPA, que é a instituição aqui de Porto Alegre, porque eu fazia faculdade lá, mas eu também fazia faculdade de Educação Física aqui na UFRGS. Na época que eu entrei não existia, pelo menos naquela época, não existia o time da UFRGS. Eu fiquei sabendo que anos antes, bem antes talvez, cinco, dez anos antes, teve um time da UFRGS e tudo mais, mas já havia fechado, na época que eu entrei não tinha. E em 2007 eu recebi um telefonema de um treinador que tinha sido meu treinador lá no Inter, dizendo que ele estava abrindo juntamente com o Voser<sup>19</sup>, que está até hoje na faculdade, uma equipe de futsal feminino. Então recebi o telefonema dele e ele perguntou se eu tinha interesse e ele

inclusive, foi interessante, porque ele falou que era a primeira menina que ele estava ligando, então na verdade [risos], até hoje eu estou na UFRGS e eu fui a primeira pessoa, realmente, a participar do time de futsal da UFRGS.

C.M. – Em que ano que foi?

L.M. – 2007, acho que foi em 2007.

C.M. – E como começou o time?

L.M. – Bom, iniciou o time através do Gelsius<sup>20</sup>, que era o treinador, com o incentivo do Voser, ele ganhava bolsa para ser treinador, ele fazia pós-graduação, na época, se eu não me engano, e ele montou esse time. Ele montou um time muito forte na época, algumas gurias da graduação, mas muitas faziam pós-graduação, e algumas, inclusive, recebiam bolsa da pós-graduação, elas recebiam, acho que, cinquenta por cento de bolsa, na época, para jogar no time e fazer a pós-graduação. Então eles montaram um time que, talvez, acho que foi o único ano que a UFRGS se assemelhou em relação a isso, quanto as universidades particulares, onde eles escolhem as jogadoras e dão algum direito para elas, pagando universidade ou dando bolsa, acho que foi a única equipe, esse ano, a única equipe que teve isso na UFRGS, então era uma equipe bem forte, começou com uma equipe bem boa.

C.M. – E vocês ganharam nesse ano?

L.M. – A gente não, até porque a gente só foi conquistar o primeiro JUGS<sup>21</sup> e Unisinos<sup>22</sup> há pouco; a gente não ganhou porque já existiam equipes muito fortes, inclusive, equipes que tinham jogadoras do Chimarrão na época, que era uma equipe que eu tinha falado, que era uma equipe muito forte também já desde cedo. Acho que a

---

<sup>19</sup> Rogério da Cunha Voser.

<sup>20</sup> Gelsius Vieira.

<sup>21</sup> Jogos Universitários Gaúchos.

<sup>22</sup> Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

equipe da Feevale<sup>23</sup> era uma das mais fortes na época, que tinham essas jogadoras, jogadoras como Pulga<sup>24</sup>, Cátia<sup>25</sup>, jogadoras que inclusive jogaram na seleção brasileira, então acho que a gente, nesse ano, acabou sendo segundo lugar, se não me engano, nessas competições, segundo ou terceiro, mas a gente tinha um time bastante forte.

C.M. – Como tem sido essa experiência dentro do time da UFRGS?

L.M. – Olha [riso], experiência é grande porque já estou há bastante tempo, e acho que já passei por bastantes elencos distintos também, cada um com as suas características, e vivenciar o esporte universitário, para mim, hoje, claro, já não é algo novo, mas na época era algo novo e algo diferente. Acho que aos poucos eu fui buscando significado para o esporte universitário, porque antes, para mim, que nem eu falei, eu iniciei no esporte como uma brincadeira, depois eu tive o intuito de me tornar profissional, mas depois eu deixei isso de lado, resolvi cursar a faculdade, resolvi ter a minha profissão em relação, cursando uma faculdade, fazendo o ensino superior. Então eu acho que eu vi no início também isso como um *hobby* para mim, e como eu falei, acho que eu nunca fui uma pessoa tão competitiva, e eu acho que aos poucos, vivenciando a equipe universitária, eu comecei a me tornar uma pessoa mais competitiva, devido as rivalidades e tudo mais, mas no início eu entrei para brincar, entrei como *hobby* e tudo mais, entrei acreditando que minha participação no esporte, eu já era muito grata ao esporte, acho que tudo que eu tinha para vivenciar eu já tinha vivenciado bastante, então eu estava ali mais para, realmente, cursar a minha faculdade e ter uma válvula de escape, como eu falei que eu tinha desde o início; então brincar, me divertir, mas depois, eu acho, que as coisas foram ficando mais sérias, rivalidades entre as universidades foram se formando, inclusive, a gente teve algumas lideranças um pouco mais competitivas e acho que acabei me tornando uma pessoa mais competitiva curiosamente dentro do esporte universitário.

---

<sup>23</sup> Universidade Feevale.

<sup>24</sup> Enelize Cristiane Morias de Souza.

<sup>25</sup> Cátia Merlini.

C.M. – Qual a sua motivação nesse momento para você treinar e continuar fazendo parte do time da UFRGS?

L.M. – Minha motivação... Olha, eu ingressei em 2007, já são oito anos, eu acho que a gente criou um vínculo muito forte com a instituição e com as pessoas que ali estão. Acho que a gente criou um vínculo amigo e um ambiente meio que até familiar, e já é tanto tempo que eu acho que isso é a minha principal motivação, e também, uma delas é porque eu não quero parar, eu gosto muito de praticar, tanto futebol como futsal, e eu acho que ainda é muito cedo; hoje eu tenho vinte e sete anos, então se parar para pensar, vinte e sete anos para um jogador que está aí profissional, às vezes, ele não está a recém começando, claro, mas ele tem muita estrada pela frente. Então eu acho que também, um dos motivos é que eu não quero parar, e hoje em dia em Porto Alegre, praticamente, tu não encontra time, então é uma das motivações também que me fazem permanecer na UFRGS, é que o futsal e futebol, em si, em Porto Alegre ele está muito decadente, parece cada vez mais e é difícil tu encontrar time; inclusive, os times que participam do campeonato estadual de futsal, eles não são de Porto Alegre, acho que só um ano teve um de Porto Alegre, agora pouco, que inclusive, eu participei, mas não consegui dar sequência aos treinamentos e acabei saindo da equipe mais por questões profissionais mesmo ou pela minha carga horário de trabalho. Mas é um dos motivos também, acho que em Porto Alegre a gente não tem muita opção de time, então eu permaneço na UFRGS porque eu quero estar ali, eu quero estar brincando, mas ao mesmo tempo competindo, e não quero deixar de vivenciar isso.

C.M. – Como a universidade apoia o time da UFRGS?

L.M. – Olha, acho que não tem o que reclamar, desde sempre a gente participou de todos os campeonatos que a gente quis, que a gente pediu para a UFRGS, claro que, às vezes, com alguma dificuldade, acho que alguns treinadores e tudo mais, tiveram que insistir um pouco mais para gente participar de algum campeonato ali, um outro lá, é porque tem que ter uma verba, eles têm que investir um pouquinho para isso, para gente entrar nos campeonatos, mas a gente, acho que, não tem o que reclamar porque a gente sempre pode participar de todos os campeonatos, coisa que algumas universidades não

participaram por falta de incentivo. Então eu acho que em relação a isso, a gente não pode reclamar. No primeiro e segundo ano acho que tiveram essas questões das bolsas e depois eles tiraram, foi uma coisa que eu senti falta, que talvez eles pudessem ter continuado com isso porque além de trazer grandes atletas para o time da UFRGS e levar o nome até para o Brasil todo, claro que a UFRGS já tem nome, mas eu digo em questão de esporte, mas também por estar incentivando o esporte e as pessoas que vivem nesse meio e também estarem estudando numa universidade como a UFRGS, que tem um baita nome; então eu acho que é a única coisa que hoje não tem mais que eu sinto falta em relação ao incentivo, mas de resto acho que super interessante, ainda mais uma faculdade federal.

C.M. – Para você, o que significa jogar, praticar futsal, visto socialmente como um esporte masculino?

L.M. – O que significa para mim? Olha, eu acho que significa, acho que a quebra de alguns preconceitos, e é engraçado que até hoje, desde aquela época lá, 1996, 1997 quando eu comecei, até hoje a gente sente que existe um preconceito. Sinto que, ao mesmo tempo, que ele parece cada vez menor, às vezes, ele aparece com mais força porque as pessoas, hoje em dia, acho que elas têm mais, como é que eu posso te dizer, elas têm se expressado mais em relação a redes sociais, a tudo mais, e a gente vê algumas coisas que realmente nos chocam às vezes, às vezes a gente vê algum certo tipo de preconceito que é bem negativo, mas eu vejo uma evolução daquela época, e eu acho que o futebol feminino está ganhando espaço cada dia mais, claro que de uma forma a passos bem curtos, a passo de formiga quase; hoje tu já vê as meninas sendo mais televisionadas que há tempos atrás, mesmo que ainda muito pouco, agora a gente teve o álbum da Copa do Mundo, coisa que nunca pensei que um dia existiria ainda enquanto eu estivesse viva, sei lá, que eu também achei fantástico. Mas no Brasil ainda é muito fraco, e acho que talvez no Brasil seja mais decadente do que realmente esteja crescendo, mas eu acho que eu estou tentando ver como no mundo em geral, eu acho que no mundo as coisas estão crescendo, em muitos países, no Brasil eu vejo muita dificuldade, muitos problemas e bem complicado; por isso, até que eu não quis seguir como jogadora profissional, acho que eu já tinha falado, tive outros motivos, mas

também porque eu achava que de alguma forma eu teria que levar algumas coisas mais a sérias e ter como me sustentar, e eu achava que o futebol ou o futsal não ia me dar isso.

C.M. – Como você pode descrever a sua experiência como mulher que joga futsal?

L.M. – Como eu posso descrever a experiência, deixa eu tentar ver se eu entendi a pergunta. Olha, eu acho que é um passo muito grande a relação a tudo o que a mulher vem conquistando, acho que no espaço profissional, não só no esporte, mas em tudo, eu acho que caminha junto com tudo, com questões meio que feministas, até alguns movimentos, é algo muito gratificante até. E eu vejo que assim como muitas pessoas vão contra, muitas vão a favor e muitas estão vendo muita qualidade na questão de, no esporte, na participação das mulheres no esporte e também como profissionais. Acho que estão cada vez mais, vendo que as mulheres são capazes de estarem participando em ambientes que antes eram praticamente masculinos, e eu acho que a gente vem buscando cada vez mais espaço, e acho que isso é o principal que mais me motiva a estar nesse movimento, a estar participando, e acho que isso é muito gratificante.

C.M. – O que de melhor o futebol ou o futsal trouxe para a sua vida?

L.M. – O que foi a melhor coisa que o futsal trouxe para a minha vida, maturidade, experiência, saber lidar com as diversidades da vida, acho que aquilo que a gente aprende como atleta, acho que a gente leva para a nossa vida também, fora dos gramados ou das quadras, então aquela coisa de aprender, perder, aprender a ganhar, aprender a competir, mas ao mesmo tempo não passar por cima dos outros para isso, eu acho que essa é a principal coisa que o futebol ou o futsal me trouxeram e o esporte, enfim, acho que maturidade, aprendizado para a vida toda.

C.M. – E você acha que tem algum aspecto negativo dentro da sua experiência como praticante de futsal?

L.M. – O aspecto negativo eu acho que é a falta de incentivo mesmo, é aquilo que a gente vê que muitas pessoas poderiam ter dado certo e não deram, de ver muitos talentos no Brasil serem desperdiçados, e eu acho que isso que na minha prática é o que eu mais vejo, inclusive, penso que eu poderia ter dado certo e não quis continuar pela falta de incentivo e muitas pessoas me diziam “continua”, e muitas pessoas diziam: “Não, tu tem que ter tua profissão, tu tem que estudar, tu tem que fazer isso, tem que fazer aquilo”, coisa que, às vezes, jogadores profissionais masculinos, claro, eles também devem acompanhar junto com estudos, mas, às vezes, eles conseguem fazer daquilo uma profissão, e eu não via isso para o futebol feminino, então eu acho que o aspecto mais negativo que o futebol, futsal me trazem é a falta de incentivo, é o desperdício de talentos e de oportunidades que eles poderiam estar dando para pessoas que tem capacidade, e que não continuaram por causa disso; e eu acho que por isso também que o Brasil, apesar de ter uma seleção muito forte poderia estar muito mais a frente se caminhasse a favor disso e não contra o futebol feminino.

C.M. – Você experimentou o futsal em outras facetas da sua vida além de ser jogadora?

L.M. – Se eu fui treinadora, alguma coisa?

C.M. – Treinadora, trabalhou com o futsal?

L.M. – Eu participei de um projeto voluntariado por dois anos, dei aula de futebol gratuita para crianças carentes, isso quando eu tinha dos meus dezessete aos dezenove anos. Logo que eu ingressei na faculdade, fora isso também, como fisioterapeuta participei, mas foi isso, treinadora mesmo de equipe profissionais nunca fui e nem sei se eu tenho, não é nem a vontade, mas acho que talvez eu não tenha essas características de ser treinadora, acho que o meu envolvimento com o esporte talvez não seja tanto de liderança, talvez eu goste até de ensinar, talvez como professora, mas não me vejo como treinadora.

C.M. – Lícia. Mais alguma coisa que você queira me contar relacionado com a sua experiência pessoal com o futsal ou futebol?

L.M. – Olha, [riso], acho que eu já falei bastante, acho que, mais ou menos, essa é a história e acho que quem conhece o futebol e o futsal feminino, sabe que tudo o que eu falei em relação ao incentivo é verdade, que a gente tem muita dificuldade, não só no Brasil como em outros países também. E o que eu podia colocaram mais, se eu pudesse pedir, para incentivar e para darem valor ao futebol feminino; acho que é a minha única observação que eu poderia fazer, é pedir mais incentivo e mais profissionalismo do futebol feminino no Brasil principalmente, mas no mundo em geral. Acho que a gente está precisando disso, as mulheres estão ganhando esse espaço e acho que as pessoas precisam saber olhar, sabe incentivar e para fazer, acho que do país, uma grande potência do futebol porque tem tudo para isso, só falta incentivar [riso], então acho que é isso, não tenho mais o que falar.

C.M. – Então, Lícia, muito obrigada por falar sobre sua história e eu agradeço porque vai ser muito importante o que você falou para a pesquisa, obrigada.

L.M. – Que bom, se precisar de mais alguma informação...

C.M. – Obrigada.

[FINAL DA ENTREVISTA]